

## EÇA DE QUEIRÓS, JORNALISTA

Rosane Gazolla Alves Feitosa  
UNESP/Assis

### RESUMO

No século XIX, jornais e revistas disputavam, lado a lado, não só a publicação, mas a promoção de autores nacionais e estrangeiros; informação rápida dos acontecimentos internacionais; veiculação e difusão de ideias, de moda e de correntes estéticas. Eça de Queirós foi um desses escritores que se valeu do periódico para vários fins. Sua produção, publicada em periódicos, seja com textos de ficção e de não ficção, perdurou por toda a carreira, constituindo uma de suas indissociáveis dimensões. O objetivo deste artigo é traçar e comentar a colaboração regular de Eça em periódicos como *Gazeta de Portugal* (1866-1867); *Distrito de Évora* (1867); *As Farpas/Uma Campanha Alegre* (1871-1872); *Atualidade* (1877-1878); *Gazeta de Notícias* (1880-1897); *Revista de Portugal* (1889-1892); *Revista Moderna* (1897-1899).

### PALAVRAS-CHAVE

Eça de Queirós; periódicos; Eça jornalista; literatura portuguesa.

### ABSTRACT

In the 19th century, newspapers and magazines disputed, side by side, not only the publications but the promotion of national and foreign authors; fast information of international events; transmission and diffusion of ideas, fashion and aesthetic tendencies. Eça de Queirós was one of those writers who took advantage of the periodicals for many objectives. His literary works published in periodicals, as fictional and non-fictional texts, lasted for all his career, composing one of his indissociable dimensions. The aim of this article is to delineate and comment on Eça's regular collaboration in periodicals as *Gazeta de Portugal* (1866-1867 — *Portugal Gazette*); *Distrito de Évora* (1867 — *Evora's District*); *As Farpas/Uma campanha alegre* (1871-1872 — *The Banderillas/A Joy Campaign*); *Atualidade* (1877-1878 — *The Present Time*); *Gazeta de Notícias* (1880-1897 — *News Gazette*); *Revista de Portugal* (1889-1892 — *Portugal Magazine*); *Revista Moderna* (1897-1899 — *Modern Magazine*).

### KEYWORDS

Eça de Queirós; periodicals; Journalist Eça; Portuguese literature.

No século XIX, jornais e revistas disputavam, lado a lado, não só a publicação, mas a promoção de autores nacionais e estrangeiros, informação rápida dos acontecimentos internacionais, veiculação e difusão de ideias, de moda e de correntes estéticas. Eça de Queirós foi um desses escritores que se

valeu do periódico para vários fins. Sua produção publicada em periódicos, seja com textos de ficção e de não ficção, perdurou por toda a carreira, constituindo uma das suas indissociáveis dimensões.

O objetivo desta comunicação é divulgar a colaboração regular de Eça em periódicos como *Gazeta de Portugal* (1866-1867); *Distrito de Évora* (1867); *As Farpas/Uma Campanha Alegre* (1871-1872); *Actualidade* (1877-1878); *Gazeta de Notícias* (1880-1897); *Revista de Portugal* (1889-1892); *Revista Moderna* (1897-1899) e comentar sua colaboração avulsa na revista ilustrada *A Ilustração*.

Jornais, e em seguida revistas, tornaram-se instrumentos correntes de informação, contemplando, primeiro, notícias de caráter político e de divulgação imediata e, as revistas, temas variados, de informação mais elaborada, anunciando as últimas descobertas sob as matérias abordadas (Cf. MARTINS, 2001, p. 39).

A revista, fosse por seu caráter ligeiro, muitas vezes suspensa pela censura ou inviabilizada pelo fracasso econômico, fosse pela aparente fragilidade daqueles impressos, constituía-se em uma coletânea heterogênea, que abrigava nomes diversos, inovando até mesmo pelo formato inusitado da publicação, consolidando-se como ramo expressivo da imprensa. Mais do que isso, passou a ser disputada por escritores reconhecidos, que tinham em suas páginas o espaço alternativo para divulgação de seus escritos. Estimulado pelas possibilidades do novo veículo, colocaram-se em sua defesa, sobretudo quando se tornava objeto de censura.

Lado a lado com os jornais, as revistas literárias disputavam não só a publicação, mas a promoção de autores nacionais e estrangeiros, informação rápida dos acontecimentos internacionais, veiculação e difusão de ideias, de moda e de correntes estéticas.

Eça de Queirós foi um desses escritores que se valeu do periódico para vários fins. Sua produção publicada em periódicos, seja com textos de ficção e de não ficção, perdurou por toda a carreira, constituindo uma das suas indissociáveis dimensões.

Tracemos um panorama da produção de Eça de Queirós publicada em periódicos: a) colaboração regular em: *Gazeta de Portugal* (1866-67); *Distrito de Évora* (1º. semestre 1867); *As Farpas* (1871-1872/*Uma Campanha Alegre*-1890-1891); *Actualidade* (1877-1878); *Gazeta de Notícias* (Rio de Janeiro, 1880-1882 e 1892-1897); *Revista de Portugal* (1889-1892); *Revista Moderna* (1897-1899); b) colaboração avulsa em: *Revolução de Setembro*, *Diário de Notícias*, *O Repórter*, *A República*, *O Atlântico*, *A Ilustração*, *O Tempo*, *A Província*, *Álbum Ilustrado para 1873*.

Eça colaborou em várias revistas, pois, a partir da segunda metade do século XIX, a revista passou a ser expressão das exigências da vida moderna, assim percebida por Eça de Queirós, habitual colaborador das páginas de periódicos:

Tão profusa, e complicada, e tumultuária, e rápida se tem tornado a vida moderna que se os fatos dominantes não fossem flagrantemente apanhados em imagens concretas, e fixados em resumos límpidos, nós teríamos sempre a aflitiva sensação de irmos levados num confuso e pardacento redemoinho de ruído e poeira. A Revista é essa dedicada amiga que destaca da massa sombriamente movediças cenas e atores que, por um momento, merecem risos e lágrimas. (QUEIRÓS, Eça de. Prefácio, *Revista Moderna*, Paris, M. Botelho, v. 1, 1897, *apud* MARTINS, 2001, p. 42)

Ao longo do século XIX, a revista tornou-se moda e, sobretudo, ditou moda. Sem dúvida, essa tendência tinha uma explicação, referendada na Europa pela conjuntura propícia, definida pelo avanço técnico das gráficas. O incremento da população leitora e o alto custo do livro favoreceram-na, definitivamente, pelo mérito de condensar numa só publicação uma gama diferenciada de informações, sinalizadoras de tantas inovações propostas pelos tempos, intermediando o jornal e o livro, objeto de aquisição cara e ao alcance de poucos.

Enquanto o jornal, pelo seu propósito de informação imediata, caminhou para a veiculação diária, a revista, de elaboração mais cuidada e aprofundamento de temas, limitou-se à periodização semanal, quinzenal, mensal, trimestral e, por vezes, anual. “No curso da trajetória da revista, contudo, um marco revolucionário na imprensa da época: os recursos à ilustração. Certos que há muito, desde os incunábulo, a ilustração se fizera

presente nos textos, diversificando-se com passar dos anos através de iluminuras, xilogravuras, litogravuras, águas-fortes” (MARTINS, 2001, p. 40).

O grande avanço técnico da ilustração, na Europa, a partir do último quartel do século XIX, foi amplamente utilizado pelos periódicos, transformando aquelas publicações em objetos atraentes, acessíveis até mesmo a um público menos dedicado à leitura e até à população analfabeta, que recebiam as mensagens através dos desenhos grafados de forma visualmente inteligível.

A modalidade *revista ilustrada* passou a ser preferencial da população leitora; na sua esteira, surgiu o *magazine*, alternativa de revista periódica, acentuando a magia da ilustração, enquanto embalava a publicidade de bens de consumo, potencializando as características comerciais do gênero (Cf. MARTINS, 2001, p. 41-42).

Eça de Queirós colaborou em um desses periódicos tão em moda em fins do século XIX — *A Ilustração. Revista de Portugal e do Brasil* (5 abr. 1889). Em alguns números, o subtítulo aparece como: *A Ilustração. Revista universal impressa em Paris* (20 ago. 1885); *A Ilustração. Revista Quinzenal para Portugal e Brasil* (5 jun. 1884). Revista ilustrada, quinzenal, de formato grande (29x40cm), publicada em Paris pelo português Mariano Pina, periódico que circulou em Portugal e Brasil, de 5 de maio de 1884 a 1º. de janeiro de 1892 — total de 184 números. Foi publicada em Paris até 20 de outubro de 1890 e em Lisboa, na sua fase final; o último número foi o de 1º. de janeiro de 1892; “foi [...] a de mais larga duração e tiragem, chegando aos 16 mil exemplares” (MINÉ, 2000, p. 202).

Mariano Pina, com 24 anos na época do início de *A Ilustração*, já havia trabalhado em vários jornais de Portugal: *Diário do Comércio*, *Diário da Manhã*, *Diário Popular*, *Nacional*, *Correio Nacional*, *O Espectro* e também fora correspondente, em Paris, da *Gazeta de Notícias* (Rio de Janeiro) até 1886: “Não se pretendeu *A Ilustração* em órgão de combate de ideias, nem portavoz de grupo ou tendência literária. Pretendeu, isso sim, e com esmero gráfico, alinhar-se dignamente na voga que então gozavam as revistas ilustradas [...]” (MINÉ, 2000, p. 206).

Nas páginas da revista há comentário dos eventos relativos à cultura francesa como modelo a seguir, mas não faltam notícias de Portugal e do Brasil. Mariano Pina valorizou os intelectuais que colaboravam em periódicos na série “Jornais e jornalistas de Portugal e do Brasil”, publicada de março de 1886 a abril de 1890, observando que “[...] os fins a que *A Ilustração* se propõe, não se resumem a simples futilidades não é nosso intento matar apenas horas de ócio” (MINÉ, 2000, p. 206).

Nesta revista publicavam-se criação literária, notícia breve, a crítica literária, o ensaio, curiosidades científicas e notícias mundanas. Fazendo jus ao título era largamente ilustrada, com uma sofisticada imagem na capa, ocupando quase a página inteira, além de apresentar a publicidade de divulgação de medicamento e, timidamente, alguns produtos de beleza. Teve como colaboradores portugueses, além de Eça de Queirós, Cesário Verde, Antonio Nobre, Oliveira Martins, Teófilo Braga, Jaime Batalha Reis, Fialho de Almeida. Contou também com a colaboração dos brasileiros Domício da Gama e Alberto de Oliveira.

Por meio da correspondência de Eça a Mariano Pina (Angers, 26 mar. 1884) diretor-proprietário da revista, verificam-se comentários de Eça sobre *A Ilustração*; são sugestões quanto a conteúdo, formato, colaboradores:

O prospecto da *Ilustração* é bom, como promessa de tipo, papel, e gravura. Parece-me porém que tem o *ar estrangeiro* demais — e que Você no prospecto devia prometer também vistas de Portugal e Brasil, ilustrações do[s] sucessos passados nesses países onde não sucede nada, e retratos dos seus grandes homens. [...] Não lhe convém a Você nem à *Ilustração* publicar excertos de romances. Isso dá imediatamente um ar pobre. Pode-se fazer mais tarde, quando a *Ilustração* acreditada, e *posée* tiver vagares e autoridade para acolher na suas colunas um *primeur* literário. (QUEIROZ, 2000, v. 4, p. 173)

A respeito da revista *A Ilustração* não há quase menção em estudos do assunto e nem mesmo em obras de referência como o *Dicionário de Eça de Queiroz* (1993) e o *Suplemento ao Dicionário de Eça de Queiroz* (2000). Apenas a estudiosa de Eça jornalista, Prof<sup>a</sup>. Elza Miné, refere-se com mais vagar à revista, apresentando-a em detalhes.

Em *A Ilustração*, foram publicados os seguintes textos de não ficção escritos por Eça de Queirós, incluídos posteriormente, os três primeiros, no volume *Notas Contemporâneas* (NC):

- 1) 5 jun. 1884, 1. ano, volume I, n. 3, “A Inglaterra e a França julgadas por um inglês”, p. 39, 42, 43 (Angers, maio);
- 2) 20 ago. 1885, 2. ano, volume II, n. 16, “Uma carta sobre Vitor Hugo”, p. 251-255 (Bristol, 20-07-1885); no volume NC está sob o título “Vitor Hugo” ;
- 3) 20 maio 1888, 5. ano, volume V, n. 10, “A Academia e a Literatura” — (Carta a Mariano Pina, escrita em Bristol, em 25-01-1888; enviada para ser publicada no jornal lisboeta *O Repórter*, e transcrita pela revista *A Ilustração*);
- 4) 20 jul. 1888, 5. ano, volume V, n. 14, (Bristol) “Ainda sobre a Academia” — comentário ao artigo anterior.

Para elucidar um pouco mais os textos acima, reportemo-nos ao projeto, em curso, da Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós, coordenado pelo professor da Universidade de Coimbra, Carlos Reis, que afirma:

[...] não deve recuar perante a eventual necessidade de reorganização do campo bibliográfico queirosiano. Porque mais coerente e justificado do ponto de vista científico, deve ser o critério de gênero o que mais prioritariamente regerá novas proposta de arrumação, não afectando, como é óbvio, uma parte considerável do que estava estabelecido, em especial no que à ficção se refere. (1990, p. 233)

Deste modo, a obra queirosiana de não ficção ficará organizada, de acordo com o projeto da Edição Crítica, em:

[...] um setor de crônicas e textos de imprensa, num total de sete títulos. Neste caso, é possível que se “desvaneçam” títulos até agora consagrados, reintegrando-se os seus textos em volumes apropriados. Neste aspecto, o caso mais flagrante é o das *Notas Contemporâneas*, volume característico, tanto pela diversidade de materiais que recolhe, como pela distância relativa de aparecimento original desses materiais. (1990, p. 233)

*Notas Contemporâneas* é uma obra póstuma, — a última das quais Luís de Magalhães organizou, — constituída por 33 textos diversificados entre

artigos e crônicas publicados em vários periódicos no período de 1870 a 1895. O título do volume remete ao título com que um desses artigos foi publicado.

No contexto da arte realista do século XIX, em que se atribui à arte uma função pedagógica, de reforma de mentalidades, a palavra não se esgota nos textos de ficção. Longe de se ater à prática literária propriamente dita, essa procura pode ser feita no âmbito das reflexões programáticas publicadas em periódicos portugueses e brasileiros, que se encontram em prefácios de suas próprias obras e nas de outros escritores, cartas, artigos e crônicas.

A crônica, pelo seu estatuto ambíguo, — literário e jornalístico, — constitui um espaço privilegiado para o debate de ideias, para a crítica social e política, para a difusão de novos padrões estéticos e culturais. Permitindo uma intervenção direta e agressiva, a crônica representa, no contexto do Realismo português, um complemento ou uma alternativa ao discurso ficcional, quer sob a forma doutrinária, quer humorística. (SANTANA, 2001, p. 127)

A crônica estabelece um diálogo com o tempo e espaço em que se insere, com a sociedade em que é produzida. Compreende-se sua relevância em um período de ruptura em que o Realismo se impôs como expressão de uma nova geração de escritores, em um período de impacto sociocultural pela imprensa periódica nascida com o capitalismo.

É durante a vigência da estética realista-naturalista que a crônica, em especial a crônica satírica, atinge seu ponto máximo, visto que, pelo diálogo com seus contemporâneos, tomado em atitude crítica em relação a grupos sociais, instituições, comportamentos coletivos, torna-se apta à veiculação de conteúdos ideológicos. Torna seu autor, ao mesmo tempo, responsável pela assinatura e pela enunciação, pois essa envolve juízos acerca de um universo concreto.

Eça recorre à crônica em “A Inglaterra e a França julgadas por um inglês”, publicada em *A Ilustração*, n. 3, de 5 jul. 1884 e incluída no volume *Notas Contemporâneas* por Luís de Magalhães, publicado em 1909 pela editora Lello & Irmão, da cidade do Porto. Neste texto repassado de humor pretende transmitir determinada visão de mundo de uma sociedade através de um observador alheio pela sua proveniência, D. José, o pretense cão de Eça. Este confia suas impressões acerca dos franceses à gata inglesa, Pussy, estabelece

comparações entre França e a Inglaterra quanto ao clima, às casas, ao sentimento de igualdade, à cozinha, à graça das mulheres, sendo tudo favorável à França. Ambos, cão e gato, estão isentos de inibições sociais, ao emitirem opiniões ingênuas e críticas acerca dos costumes que observam. Estes artifícios de enunciação são uma solução ocasional nos textos de Eça, e, de certo modo, original:

Aqui não há nevoeiro — é esta a primeira superioridade da França sobre a nossa pátria, gloriosa e fusca. [...] Outra cousa que me espanta aqui é o sentimento de igualdade. Ainda ontem vi um esbelto galgo, da mais velha nobreza da Normandia com avós citados nas crônicas de Froissart, correndo e brincando com um canzarrão proletário, de pelo rude, pertencente às últimas camadas caninas, socialista talvez. Em Inglaterra, um cão da câmara dos Lordes preferiria cortar seu rabo a ser visto conversando com um cão da plebe, fosse ele tão honesto como Catão ou sólido no trabalho como uma máquina. (QUEIROZ, 1979, v. 2, p. 1415, 1418)

Dentre os textos de periódicos, Eça de Queirós, às vezes, se dispõe a fazer reflexões acerca da literatura, da sua arte, assumindo um ponto de vista crítico e teórico-programático, com vistas a bem compreender a arte do texto literário. Estas reflexões podem conduzir a um esclarecimento para o bom entendimento da ficção queirosiana, a uma luz que pode projetar sobre o pensamento doutrinário, e, sobretudo, ao compromisso com a estética realista — examinar o corpo da doutrina que lhe mereceu atenção, interpretação e juízo.

Tais reflexões teóricas sobre a literatura estão presentes no texto “A academia e a literatura”. Este texto faz parte da polêmica acerca do resultado final do concurso, em dezembro de 1887, realizado pela Academia Real de Ciências de Lisboa, em que Eça concorreu com a obra de ficção *A Relíquia*. O júri, com parecer de Pinheiro Chagas, deu o primeiro prêmio ao drama *O Duque de Viseu*, de Henrique Lopes de Mendonça.

As reações a esta decisão não tardaram. Iniciaram-se com artigo de Mariano Pina em 5 de janeiro de 1888, seguindo-se a carta de Eça enviada de Bristol, datada de 25 janeiro e publicada em 27 abril pelo jornal português *O Repórter*, e transcrita pela *Ilustração* em 20 de maio sob o título acima — “A academia e a literatura”. Pinheiro Chagas responde a esta carta com texto

publicado em *O Repórter* em 8 de junho, que é transcrito pela revista de Mariano Pina em 7 de julho. Com réplica de Eça de Queirós, “Ainda sobre a Academia”, às palavras de Pinheiro Chagas em 20 de julho em *A Ilustração*, encerra-se a polêmica.

A discussão se fez não somente acerca do “amargo desencanto perante a incompreensão a que a obra fora votada, mas sobretudo a função sociocultural de uma instituição em que pontificava Pinheiro Chagas” (REIS, 1982, p.139), este mesmo escritor que esteve no meio da Questão Coimbrã iniciada entre Antonio Feliciano de Castilho e Antero de Quental (1865-1866). Mesmo sabendo que “as Academias devem ter uma regra, uma medida, uma poética, dentro da qual seja o seu encargo fazer entrar, pelo exemplo e pela autoridade, toda a produção do seu tempo” (QUEIROZ, 1979, v. 2, p.1457-80), Eça acrescenta:

Em todo o caso concedo que, se a uma literatura faltar, sempre presente e sempre activa, uma consciência literária, representada por uma Academia que dê a regra e o tom, essa literatura pode por vezes cair na extravagância — sobretudo se nela abundam os gênios veementemente enérgicos, sinceros e apaixonados, como na literatura inglesa. Mas sobretudo sustento que, se a uma literatura faltarem os inovadores, revolucionando incessantemente a Ideia e o Verbo, essa literatura, sujeita a uma disciplina canônica, bem cedo se imobilizará sem remissão numa mediocridade castigada e fria — sobretudo se nela predominam as inteligências claras, flexíveis, comedidas e imitativas, como na literatura francesa. (QUEIROZ, 1979, v. 2, p. 1457-80)

Importa destacar a ênfase com que Eça acentua a importância da inovação no âmbito da criação artística. Responsável por uma produção literária que não raro se revelou avançada para o seu tempo, Eça manifestou-se, além disso, na sua irreverência perante uma instituição como a Academia, precursora tanto de posteriores atitudes de rejeição de normas limitativas da liberdade criativa, como até de correntes metodológicas especialmente vocacionadas para valorizarem a tensão dialética entre a tradição e inovação artística.

Nas suas palavras matizadas de ironia existe a convicção de que o fascínio da literatura está na razão inversa da sujeição a modelos pré-concebidos. Talvez por isso, Eça acabará por ser um escritor rapidamente

descrente das virtualidades estéticas de um movimento como o Naturalismo, de certo modo sujeito a uma disciplina ideológica e técnico-literária, em parte identificável com a rigidez normativa que a Academia sugeria.

Sendo Eça um escritor que sempre esteve presente nos jornais por meio de sua regular colaboração em periódicos diversos, não podíamos deixar de nos referir aos seus textos escritos especialmente para um jornal brasileiro, *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, de 1880 a 1897, em períodos de duração, espaços e rubricas variados.

A primeira colaboração do jornalista Eça de Queirós para a *Gazeta de Notícias* vem publicada no dia 24 de Julho de 1880, repetindo-se, mensalmente, até Fevereiro de 1882. Prossegue, ainda, com intervalos maiores, até 24 de Outubro do mesmo ano.

Nos anos de 83 a 89, a *Gazeta* nada publica firmado por Eça.

Em 1887, rompe-se o silêncio, com a publicação de *A Relíquia* e, em 88, com a transcrição do capítulo final de *Os Maias* e, de *Fradique Mendes*, a publicação das “Notas e recordações” e das cartas: “Ao Visconde de A. T.”, “A Mme de Jouarre, II”, “A Oliveira Martins”. Novo silêncio de 1889 a 1891.

Em Janeiro de 92 a *Gazeta* publica o primeiro número de seu “Suplemento Literário”, o primeiro do gênero que no Brasil se editou e de que Eça foi o mentor, o responsável pela criação e o diretor, sendo de sua autoria o texto de abertura, ou editorial de lançamento: “A Europa em resumo”. Reinstaura-se, assim, uma presença que se irá manter até Setembro de 1897 e que, além dos textos de imprensa, se concretiza através da publicação de outras cartas de Fradique Mendes (“A Clara”, I, II, III, IV) e dos contos: “Civilização” [do qual se originou *Cidade e as Serras*], “As histórias: Frei Genebro”, “O defunto”, “As histórias: O tesouro”. (MINÉ, 2002, p. 15)

Pela citação acima pudemos perceber que os artigos enviados para o Brasil e publicados em a *Gazeta de Notícias* foram, depois de sua morte, recolhidos em livro por seu amigo Luís de Magalhães, sob os títulos: *Cartas de Inglaterra* (1905), *Ecos de Paris* (1905), *Cartas Familiares e Bilhetes de Paris* (1907), parte de *Notas Contemporâneas* (1909, comentadas acima) e de *Contos* (1902).

Romancista e jornalista formaram os dois lados da moeda com que Eça sustentou sua produção de ficção e de não ficção. A prática de textos para periódicos se revelou importante para Eça de Queirós, na medida em que contribuiu para aperfeiçoar seu estilo e obrigou-o a manter-se sintonizado com os acontecimentos à sua volta. Deixou-nos, leitores do livro e do jornal,

seduzidos pela sua prosa e enriquecidos pela reflexão sobre seu próprio tempo histórico.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALA JR., B. (Org.). *Ecos do Brasil: Eça de Queirós, leituras brasileiras e portuguesas*. São Paulo: Editora SENAC, 2000.

BANDEIRA, M. Correspondência de Eça de Queirós para a imprensa brasileira. In: PEREIRA, L. M.; CÂMARA REYS, J. (Orgs.). *Livro do centenário de E.Q.* Lisboa; Rio de Janeiro: Edições Dois Mundos, 1945. p. 509-20.

BRASIL, J. Eça de Queiroz, jornalista. In: PEREIRA, L. M.; CÂMARA REYS, J. (Orgs.). *Livro do centenário de E. Q.* Lisboa; Rio de Janeiro: Edições Dois Mundos, 1945. p. 183-99.

CASTRO, A. P. de. Introdução. In: QUEIROZ, E. de. *Obras de Eça de Queiroz*. Porto: Lello & Irmão, 1986. v. 4, p. V-LIX.

FRANÇA, J. A. *O romantismo em Portugal*. 2. ed. Lisboa: Horizonte, 1993.

MARTINS, A. L. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; FAPESP, Imprensa Oficial de São Paulo, 2001.

MATOS, A. C. (Org. e Coord.). *Dicionário de Eça de Queiroz*. 2. ed. Lisboa: Caminho, 1993.

\_\_\_\_\_. (Org. e Coord.). *Suplemento ao dicionário de Eça de Queiroz*. Lisboa: Caminho, 2000.

MEDINA, J. *Eça de Queirós antibrasileiro?* Bauru: EDUSC, 2000.

MINÉ, E. *Páginas flutuantes: Eça de Queirós e o jornalismo no século XIX*. Cotia: Ateliê Editorial, 2000.

\_\_\_\_\_. *Eça de Queirós jornalista*. 2. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1986.

\_\_\_\_\_. Introdução. In: QUEIRÓS, E. de. *Textos de Imprensa, IV: da Gazeta de Notícias*. Edição de Elza Miné e Neuma Cavalcante. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002. p. 15-51. (Edição crítica das obras de Eça de Queirós, textos de imprensa).

PEREIRA, A. Eça de Queiroz, cronista. In: PEREIRA, L. M.; CÂMARA REYS, J. (Orgs.). *Livro do centenário de E.Q.* Lisboa; Rio de Janeiro: Edições Dois Mundos, 1945, p.167-82.

QUEIROZ, E. de. *Obra completa*. Organização geral, introdução, fixação dos textos autógrafos e notas introdutórias de Beatriz Berrini. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000. v. 3 e 4. (Biblioteca Luso-Brasileira — Série Portuguesa).

\_\_\_\_\_. *Notas contemporâneas*. Porto: Lello & Irmão, 1979. v. 2, p.1367-1652, (Obras de Eça de Queiroz).

REIS, C. Teoria literária de Eça de Queirós. In: \_\_\_\_\_. *Construção da leitura: ensaios de metodologia e de crítica literária*. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica; Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra, 1982. p. 137-150.

\_\_\_\_\_. Para a edição crítica das obras de Eça de Queirós. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE QUEIROSIANOS “Eça e *Os Maias* — cem anos depois”. 1. 1988. Porto. *Anais...* Rio Tinto: Edições Asa, 1990. p. 227-34.

\_\_\_\_\_. Salvar um patrimônio cultural: entrevista. *JL-Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Porto, p. 6-7, 15 dez. 1986

RITA, A. *Eça de Queirós cronista: do Distrito de Évora (1867) às Farpas (1871-72)*. Lisboa: Cosmos, 1998.

\_\_\_\_\_. Crônica, crítica de costumes e sátira social. In: REIS, C. (Dir.). *História da literatura portuguesa: o realismo e o naturalismo*. Lisboa: Alfa, 2001. v. 5, p. 127-54.

SANTANA, M. H. Introdução. In: QUEIRÓS, E. de. *Textos de imprensa, VI: da Revista de Portugal*. Edição de Maria Helena Santana. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1995. p.15-48. (Edição crítica das obras de Eça de Queirós, textos de imprensa).

TENGARRINHA, J. *História da imprensa periódica portuguesa*. Lisboa: Portugália, 1966.